

MARIANA AMÉLIA MACHADO SANTOS

Nouscida em Faro

Subsídios para a história da filosofia no Algarve

B.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA AO
II CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS



COIMBRA

1 9 4 0

*ao Sr. 2º J.
Mário Accurcio,
oferece, respeitosamente
M. Amélia Machado Santos
Lisboa, 13-IV-1965*

MARIANA AMÉLIA MACHADO SANTOS

Subsídios para a história da filosofia no Algarve

COMUNICAÇÃO APRESENTADA AO
II CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS



BIBLIOTECA
da
ESPIRITUALIDADE
S. J.

COIMBRA
1 9 4 0

II, 4



A Sua Excelência
o Doutor Virgílio Correia.

Quando das terras do *Gharb al-Andalus* acorriam à *rápita* (1) de Ruta (2) os peregrinos sufis, animados todos pelo mesmo desejo íntimo de perfeição espiritual, algo mudara no carácter, na conduta, na ideologia islâmica dos habitantes peninsulares do Sul.

Decorria o século XII de Cristo (VI da Hégira) e, no distrito ossonobense que, havia mais duma centúria, era centro intelectual de poetas e literatos dos mais cultos do mundo árabe (3), multiplicavam-se os místicos heterodoxos do Islam e o sufismo desenvolvia-se e propagava-se secretamente, influenciando, de modo avassalador, na mentalidade do Gharb e da Espanha muçulmana e modificando, insensivelmente, as concepções, sociais e morais da região.

A *falsa* (4), primeiro a ocultas e mascarando por prudência as suas ambições com o hábito do ascetismo eremítico ou com as teorias mais concretas da medicina, não dispensava as abstracções matemáticas e viera, pouco a pouco, avivando a côr difusa da sua cultura de ressaibos heréticos — que abrangia todo o Sul da Península —, até se acentuar e definir na catequi-

(1) Era, além de convento - sede de ordem militar em tempo de guerra: lugar de peregrinação, de devoção e centro de estudos filosóficos em tempo de paz. DOZY: *Essai sur l'Histoire de l'Islamisme*, Paris, 1879, p. 359 e GONZALEZ PALENCIA, «*El Califato Occidental*» in «*Rev. de Arch. bibl. y museus*», 1922. Ano XXVI, p. 386.

(2) Segundo Ibn Arabi ficava junto ao mar, no distrito de Ocsónoba. ASIN PALÁCIOS: *El Islam cristianizado*, Madrid, 1931, p. 73.

(3) Al-Mustamid; Ibn Ammār; Ibn Kasi; Al-Aclam (1019-1083), célebre filólogo n. de Santa Maria do Algarve; Ibn Darrâg al-Kastalli (958-1030), poeta, n. de Cacela.

(4) Filosofia.

zação de simpatizantes à volta de autênticos cenóbios de monges islâmicos.

O priscilianismo — que o bispo de Ossónoba ITÁCIO (via em 400 D. C.) combatera na obra *Adversus Priscillianni, lib. I*, até pagar com a vida o seu arrôjo (1) —, o neopitagorismo e a filosofia do cordovês Sêneca (séc. I D. C.) foram, no dizer de Asin Palácios, antecedentes peninsulares da filosofia mística de *al-Andalus* (2).

A par do ascetismo cristão, o sufismo almejava obter, por purificação interior derivada de exame de consciência e rigorosa vigilância da conduta diária, o tipo ideal da humanidade que, só êle, conseguiria atingir Deus e, por isto, arvorara-se em guia moral indicando o «*itinerarium mentis ad Deum*» que permitiria, alcançado o modelo do *homem-perfeito*, unir-se à realidade de Deus (3).

É êste perscrutar da consciência, êste exame psicológico introspectivo, que indignou os teólogos ortodoxos muçulmanos e os fez acusar de heterodoxia, o sufismo.

Na Hispânia, a filosofia árabe desde o início do séc. X da era cristã (III da Hégira) que procurava, vestindo o hábito de lã da seita sufista massarrí, com sede na serra de Córdoba, resolver as dúvidas surgidas pela insatisfação do espírito e pelo desejo de mais e melhor saber (4). Aos períodos de perseguições movidas por alguns califas intolerantes (5), seguiam-se outros

(1) A. SCHOTO *Hispanias bibliotheca seu de Academiis ac bibliothecis... Tomis III distincta*. Francofurti, M. DC. VIII, p. 188-189 e p. 212; e JOAQUIM DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE: *Dissertatio de Idacio Emeritencia Itacioque Ossonobensi Episcopis*, in «*Collectio Academiae Liturgicae*», T. IV, 1762, Coimbra, p. 145-190.

(2) A Hispânia árabe. SEYBOLD: «*Al-Andalus*» in «*Encyclopédie de l'Islam*», Vol. I.

(3) NICHOLSON: «*Al-Insân al-Kâmil*» (o homem perfeito) in «*Encyclopédie de l'Islam*», Vol. II; Idem, Vol. IV, MASSIGNON: *Tariha* (caminho, via) e *Tasawwuf* (mística islâmica).

(4) ASIN PALÁCIOS: *Abenmasarra y su escuela*, Madrid, 1914, p. 31 e seg.

(5) No final do séc. IX D. C., antes do Califado de Córdoba, dá-se a primeira perseguição aos *batinis*, movida por Abd ar-Rahmān II. Al-Mansur e os Almorávidas também ordenaram perseguições.

de contrastante tolerância (1) deixando sonhar com um *Mahdi* que, tal como mais tarde na lenda sebastianista do Encoberto, viria libertar o povo do jugo opressor e reinaria para fazer triunfar a justiça e a paz no mundo (2).

Em linguagem enigmática e misteriosa, excitando o orgulho árabe, pelo desejo imperialista de reinar em todo o mundo, e propagando-se a ocultas, num crescendo ameaçador, os adeptos desta seita esotérica tiveram, talvez, no cordovês panteísta Ibn Massarra (883-931) um dos transmissores mais valiosos das teorias orientalistas que facilmente eram acolhidas na Península e provam o descontentamento da sociedade medieval muçulmana, que dava aos chefes das doutrinas filosóficas existentes o papel de directores políticos disfarsados.

Aparecem então os *imans* ou chefes do massarrismo espanhol, no séc. x (iv da Hégira) — todos ao sul de al-Andalus; destacam-se Almeria com Ismail al-Ru'aini e Córdoba, como centros principais, se não se atender aos núcleos dispersos, cuja enumeração nem de longe é possível conhecer.

No século seguinte, o sufismo, depois de tomar feição marcadamente política, decai a princípio para renascer mais fortemente em Almeria, Sevilha, Córdoba, Toledo, Saragoça e Algarve; é a época dos Reis de Taifas (*mulūk al-tawā'if*), dos reis requintados, que se prolongará ainda pelo século seguinte — reis tolerantes e cultos, que tornam cada capital de pequeno Estado independente, centro transmissor e irradiador de cultura a nacionais e estrangeiros de todo o mundo cristão e árabe que ali vão instruir-se (3).

Agora (séc. xi D. C.) o *sufi* é um iluminado, guia-o a luz interior, e agrupa-se em cenóbios; defende o livre-arbítrio e o exame de consciência contra a ortodoxia, utiliza o método ascé-

(1) «Abd ar-Rahmān III, al-Hakam II, o regime das Taifas, etc.

(2) Dozy: *Histoire des Musulmans d'Espagne...* Leyde, 1932. T. II, p. 121 e seg.

(3) Dozy: *Essai...* p. 357-358 e *Hist. des Muss. d'Esp...* T. III, p. 135 e seg.

tico-místico de raiz plotiniana e alexandrina que quer, através da tríplice purificação: dos sentidos, do coração e do espírito, chegar à humildade e desta, auxiliado pelo amor-místico, desprender-se de riquezas, de bens — valores terrenos — para aspirar somente à vida futura, à união com o Real: Deus.

Reunidos, os místicos muçulmanos dedicam-se ao estudo e desenvolvem literatura característica — compõem poemas destinados a provocar pelo conteúdo o êxtase artificial (1); o seu mosteiro é centro intelectual (2), e, a união mística, explicam-no-la por emanção divina, por impressão do intelecto activo na alma passiva (3).

Em Almeria destacara-se, entre o séc. IV e o V da Hégira, Ismail al-Rusaini — que exagerara as doutrinas massarrís indo até à defesa do amor livre e negação do direito de propriedade (4) — e, no séc. XII (VI da Hégira), tanto no Algarve actual como na Andaluzia e mesmo mais ao norte destas províncias, o massarrismo tinha adeptos, propagadores e modificadores das teorias do núcleo central daquela cidade cujo chefe era Abu'l-Abbás b. Alarif (m. 1141/536), fundador de nova *tarika* (5). E neste núcleo central que se filiam as escolas filosóficas de Sevilha, Granada e Silves. O chefe de Almeria e o de Sevilha — Benbarrachán — vão deportados para Marrocos, como resultado da perseguição almorávida e os outros dois — respectivamente o maiorquino Abū Bacr e Ibn Kasi de Silves, escapam ao rigor do califa intransigente e continuam na mesma missão de difundir o sufismo.

A civilização árabe peninsular que permitira, no dizer de

(1) «*Tasawwuf*» in «Enc. de l'Islam», vol. IV.

(2) «En la Edad Media, aquellos pobres y desarraigados sufíes encerraban, bajo la corteza de sus místicas exageraciones, la substanciosa médula de una metafísica audaz, que explicaba por iluminación los más altos problemas que á la antigüedad habían preocupado». (ASIN PALÁCIOS: «*Mohidim*» in «Homenaje á Menéndez y Pelayo», Madrid, 1899, p. 255).

(3) É o 2.º período do sufismo (séc. IV ao VI da hegira); é a interpretação de Ibn Massarra, Ibn Kasi, al-Arabi, etc.

(4) ASIN PALÁCIOS: *Abenmasarra...* p. 92 e p. 99-101.

(5) Regra religiosa; método de psicologia moral.

Sanchez Albornoz (1), tornar al-Andalus «durante dois séculos o país mais rico, mais culto e mais povoado da Europa» e preparou aqui «uma Renascença mais precoce» tinha em Silves (*Shilb*) e Santa Maria do Ocidente (*Shantamariyat al-gharb*) (2) as capitais de dois reinos de taifas algarvios.

No distrito de Ocsónoba, tinham-se dado por diversas vezes rebeliões, no intuito de conseguir a independência.

Das várias invasões árabes que a Península sofreu, só a terceira, — como as anteriores (3) encaminhada por guias traidores e que se dividiu em três facções em Sevilha, tendo como chefes: a que levou o rumo N. (Mérida), a Mūsā b. Nušair; a que foi para Málaga e Granada a ‘Abd Allāh, filho de Mūsā, e a que traçou o triângulo Orihuela, Mérida, Sevilha, chefiada pelo outro filho de Mūsā, ‘Abd al-‘Azīz — conseguiu, com este último, assegurar o domínio muçulmano em Ocsónoba, partindo a seguir à submissão de Sevilha para Niebla, Beja e Ocsónoba — o que deve ter-se dado próximo à data de 30 de Junho de 713 (4).

Em 741 a invasão dos 7.000 sírios comandados por Balğ b. Bišr (5) e a sua irrequietude tiveram como consequência a fixação das diversas tribus de que se compunham em vá-

(1) «L'Espagne et l'Islam» in «Revue historique» T. CLXIX (1932) p. 329 e 338.

(2) Faro.

(3) A 1.^a veio para reconhecimento da costa andaluza, em 710 D. C. com 400 peões e 100 cavaleiros, chefiada por Tarif Abū Zur’a, e retirou-se com os despojos do saque. A 2.^a veio um ano depois da 1.^a, comandada pelo persa Tarik b. Ziyād com 7000 combatentes e tomou a direcção norte (Toledo, Pamplona). A 3.^a foi a de Mūsā b. Nušair em Julho-Agosto de 712, com 18.000 homens.

(4) Orihuela, rendeu-se em 6 de Abril de 713 a ‘Abd al-‘Azīz; daqui este foi auxiliar o pai que cercava Mérida. Entretanto, pela sublevação de Sevilha, ‘Abd al-‘Azīz deixa o cerco de Mérida que o pai continua e toma Ocsónoba e as cidades acima mencionadas; e Mérida rende-se finalmente a 30 de Junho de 713 por não ver chegar auxílio algum. Vidé: «*Ajbar Machmūd*», p. 20 e seg. da trad. in T. I. da «Colección de Obras Árabicas...», Madrid, 1867 e no T. II, Madrid, 1926 a «*Historia de la Conquista de España de Abenalcotia el Cordobés*», p. 1-7, da trad. Em «*La Noble Carta dirigida a las Comarcas Españolas*», p. 166 diz-se que foi Mūsā quem tomou Ocsónoba o que deve entender-se que foi ele quem ordenou ao filho o que havia de fazer. — Veja também SIMONET: «*História de los Mozárabes de España...*», Madrid, 1897-1903, p. 24 e seg.

(5) «*Ajbar Machmūd*», p. 49 e seg. da trad. «*Abenalcotia*»... p. 10 e seg. da trad.; DOZV: «*Hist. des Muss. d'Esp.*» T. I., p. 163.

rios territórios, e a Ocsónoba pertenceu parte da divisão do Egipto (1).

Misturados aos mais antigos habitantes do território (peninsulares e berberes), sempre que surgiu pretexto de revolta ou afrouxou a vigilância do sultão de Marrocos ou, mais tarde, do califa de Córdoba, estalou a rebeldia e, assim, no séc. IX, o renegado — isto é, o cristão convertido à religião muçulmana — Yahyā, godo de origem, a quem sucedeu seu filho Bacr b. Yahyā, e depois o filho dêste Halaf b. Bacr, estavam independentes e senhores de toda a província de Ocsónoba, com a residência em Silves e a corte em Santa Maria, e já então a cultura desta região era notável.

Silves e Santa Maria ostentavam palácios, edifícios religiosos, fortalezas e exército numeroso, além de serem famosas pela hospitalidade aos forasteiros e poderosas pelas alianças obtidas pelo seu soberano. É tanta importância tinha este rei e tão querido era dos súbditos que o próprio sultão ‘Abd ar-Rahmān III — um dos maiores governadores que houve em Espanha — teve de transigir com Bacr (2) e considerou-o somente seu tributário (3).

É curioso notar como a data da rebeldia destes chefes do Gharb al-Andalus (final do séc. IX e princípio do X) coincide com o período do ensino de Ibn Massarra e como a filosofia dêste pensador iria influenciar e auxiliar o desejo de independência e de chefia do poderoso Halaf b. Bacr. Não repugna acreditar que a uma sociedade culta como era a de Silves, não fôsse desconhecida a filosofia massarrí e que, pela proximidade de Córdoba, centro do massarrismo, houvesse ali adeptos e filiados de tal doutrina.

(1) DOZY: *idem*, T. I, p. 168-169 e SIMONET, *ob. cit.* Nota 1 da p. 198.

(2) Halaf b. Bacr.

(3) DOZY: *idem*, p. 56-58 e 111-112 do T. II; SIMONET: *ob. cit.* p. 523 e seg.

«En Silves se hablaba un árabe muy puro», diz J. Ribera y Tarragò citando al-Idrisi, Yākūt e al-Ḳazwīnī (1), o que não era vulgar nos domínios árabes da Península e poucos se podiam orgulhar de tal; além disto, Silves possuía bibliotecas, livrarias e coleccionadores de obras literárias, como Abu'l Kasim el Cantarī (2), e, no séc. x, diz-nos Asin Palácios, a filosofia e teologia árabes estavam no apogeu; tôdas as correntes filosóficas eram conhecidas de al-Andalus e, a par do misticismo islâmico, havia o cepticismo — tendências ideológicas próprias de saturação de cultura (3).

E assim nos aparece IBN ḤAZM (994-1064? D. C.), o maior polígrafo muçulmano peninsular, erudito e crítico de reputação proverbial, do distrito de Ossónoba, cuja familia al-Idrisi disse ter tido casa solarenga entre Silves e Sagres, isto é, em Azauia (Azoia, Lagos), que Yākūt, o Marāsīd e outros afirmaram ser no distrito de Ossónoba, e que Asin Palácios, baseado em Benalarabi, discípulo de Ibn Ḥazm, situa a dois quilómetros e meio de Huelva (4).

Nascido ou não perto de Córdova, mas natural do antigo Algarve, sobressai em Ibn Ḥazm o seu mordaz espírito crítico, altivez natural e entranhado amor ao solo pátrio, donde nunca saíu (5) e a sua grande amizade por 'Abd-ar-Rahmān v que traduz na defesa do partido omíada. Foi o criador de sistema filosófico originalíssimo, em opposição ao sufismo e a tôdas as teorias teológicas ou jurídicas existentes (6); desdenhou a matemática e

(1) *Dissertaciones y Opúsculos*, Madrid, 1928, T. I, Nota 2 da p. 111.

(2) *Idem*, p. 211.

(3) *Abenḥázam de Córdoba y su Historia Crítica de las ideas religiosas*, Madrid, 1927-1929, T. II, p. 27.

(4) ASIN PALÁCIOS: *Abenḥázam...*, T. I, p. 27 e seg.

(5) A extraordinária cultura de Ibn Ḥazm é a prova mais cabal do grau de civilização do Gharb, nesta época.

(6) Ibn Ḥazm foi contemporâneo do sufi Isma'il al-Ru'aini. *Vide* ASIN PALÁCIOS: *Abenmasarra...* p. 92.

quis conciliar a razão e a fé para o que tomou como base do raciocínio o testemunho dos sentidos e a evidência imediata.

Em Maiorca teve de defrontar-se com o famoso teólogo de Beja — Sulaimân b. Halaf el Bēchī (n. 1012/403) (1) — que percorrera o Oriente e, um século mais tarde, o alentejano Abū Bacr de Évora, professor de Direito em Sevilha, foi outro contraditor das teorias jurídicas hazmísticas. Ibn Hazm, pela sua oposição a tôdas as doutrinas existentes, levantou o ódio de todos os partidos contra si, e viu com mágua profunda al-Mutadid, rei Abbādida, queimar-lhe em auto de fé, os livros em Sevilha, tal como antes sucedera às obras de Ibn Massarra.

O hazmismo floresceu nos dois séculos seguintes (XII e XIII D. C.) com o domínio almóada e só no séc. XIV os discípulos numerosos que continuaram na tradição do mestre, diminuíram de número.

Entretanto Silves estava novamente independente e obedecia aos Banū Muzain (1048-1063) e Santa Maria do Algarve aos Sa'id b. Hārūn (1026-1052) florescendo ambas em ambiente de tolerância, de prosperidade e também de àlerta para com o poderoso e vizinho rei de Sevilha que lhes havia de roubar a autonomia (2).

Silves, — cantada por al-Mu'tamid (3) que a tomara aos Banū Muzain, apenas como comandante nominal, provido aos treze anos pelo pai e governada por aquêlê mesmo príncipe Abbādida, e, logo após, por mandato de al Mu'tamid ao subir ao trono de Sevilha (1069), governada pelo poeta de Silves Ibn

(1) ASIN PALÁCIOS: *Abenházam...*, p. 200.

(2) Para a cronologia dos reis de Silves e Santa Maria, *Vide*: DOZY — LEVI-PROVENÇAL: *Histoire des Musulmans d'Espagne...* Leyde, 1932, T. III, p. 238 e. nas p. 220-222, o fragmento B da crónica dos *Ṣulūk at-Tawā'if*.

(3) O poema está traduzido em várias línguas: em latim e francês, por DOZY: *Scriptorum arabum loci de Abbadidis*, Leyde, 1846-63, T. I, p. 39 (texto ar.) e 83-84 (trad. lat.), e *Hist. des Muss. d'Esp.* T. III, p. 91 (trad. fr.); em português (verso e prosa) por OLIVEIRA PARREIRA: *Os Luso-Árabes*, Lisboa, 1899, Vol. I, p. 347-348 e Vol. II, p. 286-287; GONZÁLEZ PALENCIA traduziu um fragmento em espanhol in *Historia de la Literatura Árabe-española*, Barcelona, 1928, p. 74; e, recentemente, GARCIA GÓMEZ: *Poemas árabeandaluces*, 1940, Madrid, p. 71-72 verteu-o totalmente em prosa espanhola.

«Ammâr (m. 1086) que estudara em Silves e Córdova (1) e sonhara também com um reino só para si —, atingira o esplendor da cultura e podia orgulhar-se de, como diz al-Kazwîni, contar em cada habitante um poeta improvisador (2) e ser tertúlia de literatos e pensadores dos mais cultos do Islam. Silves, — tão culta e tantas vêzes rebelde à sujeição alheia, ao par das obras publicadas pelos escritores muçulmanos, porque tinha chefes amigos do saber e população das mais ilustradas —, desconheceria, por acaso, as obras do algarvio Ibn Hazm tão conhecido em tôda a Hispânia culta e furtar-se-ia à influência da sua doutrina filosófico-jurídica de feição tão marcadamente original e independente que, no próprio retrato que dêle nos faz Asin Palácios, parece reflectir o carácter do algarvio actual?

Não o cremos, mas infelizmente não o podemos provar (3).

Quando virá o dia em que no Algarve — como região mais interessada e menos rica em estabelecimentos de ensino superior — existirá um centro de estudos luso-árabes que não nos deixe còrar por termos de assistir ao desvendar da história da nossa terra por estrangeiros, ainda que êles sejam um Dozy, um Ribera, um Asin Palácios, um Codera, um Levi-Provençal ou um Seybold?

— Um século depois das dinastias dos Banû Muzain e dos Said b. Hârûn, o govêrno que em Sevilha sucedera ao dos Abbâdidas, fraquejava: parecia já não ter energia para vigiar e impôr-se a todos os territórios do seu domínio, e, mais uma vez, por influência da filosofia do Gharb al-Andalus, IBN KASI é o primeiro a rebelar-se em Silves contra o chefe dos Almorávidas (4).

Imân dos Murîdas — milícia político-religiosa que orga-

(1) DOZY: *Hist. des Muss. d'Esp.*..., T. III, p. 83.

(2) Idem, nota 2 da p. 84.

(3) Tôda a filosofia muçulmana gira à volta da teologia e a influência desta na ideologia política foi, como se sabe, enorme.

(4) DAVID LOPES: *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1911, p. 100 e seg.

nizou (1142) e para a qual fundou o mosteiro da Arrifana (1) que contava numerosíssimos filiados e partidários, não só no Algarve actual como em território de Niebla e Mértola, e por toda a Andaluzia — Ibn Kāsī, expunha uma filosofia esotérica, de carácter místico-panteísta apresentada no livro que se conserva inédito em Constantinopla, intitulado *Khal'at-Na 'lain fi'l-Tasawwuf* (2) e noutras obras que escreveu e se desconhecem.

Pela força das suas teorias, Ibn Kāsī, que dizia ser o Madhī, conseguiu reinar independente dez anos em Silves. Fêz voto de pobreza — obrigatório para todo o sufí —, distribuiu os bens em esmolas prodigalizando ofertas expiatórias e consolações e foi em peregrinação, pelas terras do Sul, a pregar a doutrina imperialista que atraía ao seu mosteiro «eremitas e gente de guerra» (3).

Cêdo, porém, partido oposto se formava: Em Beja com um irmão do pseudo-Mahdī, e em Silves com Ibn Uazir. Ibn Kāsī viu-se obrigado pelas circunstâncias a recorrer aos Almóadas — os muçulmanos que mais triunfavam agora na Península — e ao maior guerreiro da época: Afonso Henriques.

Assassinado o chefe dos Muridīn em 1151/546, somente seis anos depois, a insubmissão dos algarvios era dominada pelo príncipe almóada Abū Ya 'Kūb. (4) Mas o sufismo do Gharb perdurava e aumentava.

Em Sevilha um mestre sufí iletrado, daquêles artífices iluminados que se diziam eleitos pela graça de Deus, ensinava em linguagem metafórica e de difícil interpretação, numa escola

(1) SEYBOLD e D. LOPES: *Onomatologia árabe-portuguesa*, in «O Archeologo Português», Lisboa, 1903, vol. VIII, p. 123-130, localizam o mosteiro da Arrifana na costa algarvia a sudoeste de Aljezur.

(2) Ibn Kāsī (Ahmed) in «Encyclopédie de l'Islam», vol. II.

(3) IBN ALCATIBE, na trad. de D. LOPES in «Os Árabes nas obras de Alexandre Herculano», p. 112.

(4) A. GONZALEZ PALENCIA: *História de la España Musulmana*, Barcelona, 1932, p. 101 e F. CODERA: *Decadencia y desaparición de los Almoravides en España*, Saragoça, 1899, p. 52.

de futuros monges do Islam, uma filosofia inspirada ascético-mística, impregnada de panteísmo, e, dizia, no final da vida, procurar imitar o método espiritual de Jesus: era 'ABU'L-ABBÁS ou ABUCHAPAR O ORYANI, natural de Olya (Loulé) (1).

Anti-intelectualista, convenceu-se de que Deus só se revelava aos mais humildes e incultos e, por isso, prégava a abnegação da vontade (*lawácol*), o abandono da família e das riquezas, e pedia a Deus, não o amor mas o desejo do amor. De conduta irrepreensível, foi venerado por santo e virtuoso e seguiam-no e admiravam-no muitos discípulos, na maioria operários humildes, como o segador Abū 'Abd Allāh o Jayat e o sapateiro Abu'l-'Abbās Ahmad, o Harirī, mas Ibn al-Arabī (1164-1240 D. C.) foi o seu discípulo predilecto e quem lhe traçou a biografia na 3.^a parte do *Risalat al-cods* («Epístola da Santidade») (2) e o cantou em verso.

Oryani, influenciado pelas teorias de Ibn Kāsī foi, no final do séc. XII, um dos elos da cadeia metafísica do sufismo do Gharb, que vinha desde Ibn Massarra, e iria ter no murciano Ibn al-Arabī — o comentador da obra de Ibn Kāsī (3) e o transmissor da filosofia mística muçulmana que, modificada e adaptada penetraria no franciscanismo peninsular (4) e daqui, ultrapassando fronteiras, apareceria nas obras místicas da ideologia cristã.

Até quando perduraria o sufismo do Gharb al-Andalus?...

A reconquista cristã aproximava-se definitivamente das

(1) M. ASIN PALÁCIOS: *Abenmasarra...*, Nota 2 da p. 114; idem, *El Islam cristianizado*, p. 18 (Nota 2), 47 e seg., 447 e 458; idem, «El místico Murciano Abenarabí», in «Boletín de la R. Acad. de la Hist.», especialmente os tomos LXXXVII (1925) p. 96-173 e 512-612 e LXXXVIII p. 582-637.

(2) Traduzida por ASIN PALÁCIOS in «El místico Murciano Abenarabí», T. LXXXVII, p. 612-612. ASIN PALÁCIOS, traduz também algumas passagens do *Fotuhāt* de IBN AL-ARABÍ em *El Islam cristianizado* onde há referências ao Oryani (p. 47 e seg.) e diz a p. 48 que em Mértola vivia outro mestre sufi de Ibn al-Arabí, de método espiritual diferente do de Oryani; era MUSA B. IMRÂN.

(3) ASIN PALÁCIOS: *El Islam...*, p. 62.

(4) São comuns ao sufismo e ao franciscanismo os problemas da humildade, da pobreza, etc.

terras do Sul de Portugal e não é para desprezar o papel que as insurreições provocadas no Algarve pelas diferentes teorias filosóficas coetâneas desempenharam na história da Península. Foi pela atenção que os chefes árabes tiveram de dispensar aos núcleos de resistência do Sul que o avanço dos cristãos foi mais rápido no território da antiga Ibéria.

Quási século e meio após o ensino do Oryani, encontrava-se em Silves o frade Menor ALVARO PAES, investido pelo pontífice no cargo de bispo da diocese.

D. Fr. Alvaro Paes, logo de entrada mal recebido pelo arcediogo Francisco Pedro (1), viu-se atribulado por dificuldades sem número. Rigoroso, intransigente e culto, combateu pela palavra e pela escrita (2) as heresias, os costumes e as idéias do meio em que se encontrava e que ainda transpirava os usos da moirama, e, depois de ter questionado acerbamente com o Mestre da Ordem de Sant'Iago D. Francisco ou D. Lourenço Vasques que lhe roubara as bulas, e de ter amaldiçoado a cidade que «de então athe hoje se foy desfazendo, e demolindo... de tal sorte que he hoje cadaver do que foy», fugiu para Castela em 1349 e em Sevilha morreu «com grande opinião de santid.» (3).

(1) N. IUNG: *Un franciscain théologien du pouvoir pontifical au XIV^e siècle: Alvaro Pelayo, évêque et pénitencier de Jean XXII.*, Paris, 1931, p. 18.

(2) JOAQUIM DE CARVALHO: «Cultura filosófica e científica», in «Hist. de Port.» ed. Barcelos, Vol. IV, p. 487-491. Na *Hispaniae bibliotheca...* de A. SCHOTTO, a p. 222, atribue-se a Alvaro Paes, além das obras mencionadas por estes Autores, uma *Apolo- logiam* li. 1, e a p. 251, uma *Summam*.

(3) Lê-se no MS. do séc. XVIII, n.º 152 da Biblioteca Nacional de Lisboa, a fols. 114, o seguinte: «D. Fr. Alvaro Paes; era religioso Franciscano e Bispo de Coron no Arcebispado de Patras, no Peloponezo: foi mudado p.ª Silves pello Papa João 22; porq' era Hespanhol de Galiza: consta de vuandigo tom 3; pag: 465 num: ii: eia estava Bispo no Algarve no anno de 1335: e p.ª o Bispado de Coron foi asunto no anno de 1332, como tem o mesmo vuandigo pag: 392: num: 7: tambem Sandoval nos Bispos de Tuy fas menção deste D. Alvaro cap. 168 porq' acistio em hum concilio prouincial q' se fes em Compostela, anno de 1337, e de 1380: viveo, com desgostos porq' teve pezadas contendas com o gram Mc. da Ordem de Sant'igo; com medo do qual fugio p.ª Cast.ª no de xptº 1349; e de Cezar 1387; e neste anno estando em Sevilha em humas cazas, junto do Almirante Aff.º Sofre respondeo a huma apellaçam q' o Mc. entrepos delle p.ª a See Apostolica; dada esta reposta aos 27 de Setembro

Seria de especial interesse conhecer-se na íntegra a obra do franciscano teólogo, *Collyrium fidei adversus haereses*, porque é a resenha das heresias da época e, como foi escrita em Silves, deve ser documento valiosíssimo para o estudo do meio intelectual onde foi composta; como seria também curiosíssimo comparar a posição do bispo de Silves no problema da pobreza teórica — que expôs ao papa — com a teoria filosófica dos sufís do Gharb al-Andalus que, como vimos, chegaram à negação do direito de propriedade.

Alguns anos depois (1380-1) (1) entrava como noviço no principal convento dos Agostinhos Calçados de Portugal — o de Nossa Sr.^a da Graça de Lisboa — um rapaz de Lagos que havia de ficar conhecido não só pela fé e virtudes cristãs como pela inteligência e saber. Chamou-se na Ordem FR. GONÇALO DE LAGOS (m. 1422) e foi um místico e um santo (2).

Estava-se na época de D. Fernando e o Estudo Geral, que se cursava em Lisboa e recrutava professores especialmente no convento da Graça, onde brilhavam os maiores nomes portugueses, teve também como aluno Fr. Gonçalo que, por ser

do anno referido o Me. de Sant igo era D. P.^o Vasquez: ainda era Bispo este D. Fr. Alvaro no anno de 1350.»

No MS. n.º 17 da mesma Biblioteca, intitulado *História Ecclesiastica / Do Reyno / Do Algarve / Escrita Por D. Manoel Caetano de Sousa, / ... Rey / 1703. //*, a fols. 54 lã-sc: «Quando a gente do Commendador de Mértola D. Lourenço Vasquez depois Mestre de S. Tiago roubou as bullas do Bispo D. Fr. Alvaro Paez se perdéraõ alguãs memorias nellas importantes à Igreja do Algarve», e a fols. 102 «Por tradiçaõ se diz que em huã occasiaõ do entrudo querendo moderar a furia escandalosa do povo, foy por este gravemente afrontado, o q' experimentado, descalçando-se (conforme o conselho do Evangelho) e sacodido o pó se sahio da Cidade, e de hum monte alto amaldiçoou seus habitantes...» «As censuras foraõ levantadas pello Bispo D. Fr. Alvaro 3.^o do nome...»

(1) FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO: *Chronica da Antiquissima provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho...*, Lisboa, Parte 2.^a, fols. 269.

(2) M. J. PAULO ROCHA, na sua Monografia: *As forças militares de Lagos nas guerras da Restauração e Peninsular e nas pugnas pela liberdade*, Porto, 1910, p. 158, diz que o Santo nasceu em 1360.

grande prégador e mostrar tanto aproveitamento, foi escolhido para se doutorar em Teologia (1).

Gonçalo, para quem nada valiam honras terrenas — e esta era sumamente valiosa porque equivalia a ascender ao mais alto grau concedido aos que detinham o saber — não aceitou a proposta e, apenas consentiu dirigir como prior os melhores conventos de agostinhos calçados de Portugal: Lourinhã (1394), Graça (1404) (2), Santarém (1408) e Tôrres Vedras (talvez desde 1412) onde morreu.

Fr. João de S. José na sua *Corografia do Reyno do Algarve*(...) *Escrita*(...) *no anno de 1577* (MS. n.º 109 da Bibl. Nacional de Lisboa), diz a fols. 27 que Fr. Gonçalo também assistiu a um concílio «com os Bispos de Évora, Viseu, Lisboa, Porto, Lamego, e Idanha todos Bispos Lusitanos que a elle foraõ e subscreueraõ como em seus escritores parece.»

Prégou ao povo a humildade com «brandura» e não com rigor, descrevendo só as virtudes e não os vícios, e aliou à vida activa — que fazia dêle um apóstolo de Cristo, o enfermeiro mais diligente e o «exemplo vivo» do guia espiritual de almas crentes — a vida contemplativa, pois no retiro espiritual quotidiano, que o levava até ao êxtase, encontrava motivos e inspiração para compôr livros de cantochão para o côro, que existirão ainda porventura e se poderão identificar porque traziam firmado o seu nome, e talvez nos revelem, no fradinho compositor, um cultivador da nova corrente musical gregoriana que no séc. XIV

(1) Para a biografia *vidê*: D. Fr. ALEIXO DE MENEZES: *Treslado / Da portentosa vida de / São Gonçalo de Lagos... Anno de 1604* (MS. números 112 e 436 da Bibl. da Univ. de Coimbra); Fr. MANUEL DE FIGUEIREDO: *Ecco da Santidade continuado no immemorial culto do beato Gonçalo de Lagos...*, Lisboa, 1765, e Fr. ANT.º DA PURIFICAÇÃO, *ob. cit.*, Parte 2.ª fols. 266-293.

(2) No *Livro I das Escrituras*, fols. 162 verso e 163, existente na Torre do Tombo, está um emprazamento feito a 21 de Maio de 1404, por Diogo Lopez ao Convento da Graça de Lisboa, onde se diz que era Provincial da Ordem Fr. Lourenço e Prior do Convento Fr. Gonçalo de Lagos.

se iniciou em Portugal a substituir a ambrosiana, e, noutras obras que teria composto, o místico continuador da tradição local espiritualista mas tão vincadamente cristão que mereceu ser beatificado pelo pontífice Clemente XIII, quási três séculos e meio depois do seu falecimento.

Coimbra, Dezembro de 1939.

Composto e impresso nas oficinas de
Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa
da Condessa do Rio, 27 — Lisboa

